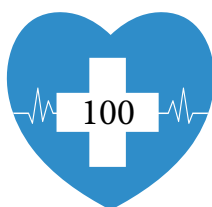


em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/48693>. Acesso em: 27 abr. 2025.





# **Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde**

**Volume 20**



**Periodicojs**  
EDITORA ACADÊMICA



Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências da Saúde: estudos 610

**Obra sem financiamento de órgão público ou privado**

**Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.**

**A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde da Coleção de livros Estudos Avançados em Saúde e Natureza**



**Filipe Lins dos Santos  
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil  
website: [www.periodicojs.com.br](http://www.periodicojs.com.br)  
instagram: @periodicojs

# Capítulo 5

**PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO: O OLHAR E AS  
POSSIBILIDADES DA ENFERMAGEM FRENTE  
AOS TRANSTORNOS PARAFÍLICOS**



# PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO: O OLHAR E AS POSSIBILIDADES DA ENFERMAGEM FRENTE AOS TRANSTORNOS PARAFÍLICOS

## BEYOND DIAGNOSIS: THE PERSPECTIVE AND POSSIBILITIES OF NURSING IN THE FACE OF PARAPHILIC DISORDERS

Helton Camilo Teixeira<sup>1</sup>

Nádyla Marina França Souto<sup>2</sup>

Fernanda Pereira Rodrigues<sup>3</sup>

**Resumo:** A saúde mental configura-se como um campo complexo e dinâmico, atravessado por dimensões clínicas, éticas, culturais e sociais, frequentemente marcado por estigmas que dificultam o acesso e a qualidade do cuidado. Nesse contexto, os transtornos parafílicos (TP) representam desafios adicionais para a prática em enfermagem, exigindo acolhimento qualificado, escuta ativa e intervenções terapêuticas pautadas na ética e na promoção de direitos. Este estudo tem como objetivo refletir sobre a abordagem e possibilidades da enfermagem frente aos transtornos parafílicos, considerando suas implicações legais, éticas e sociais na prática clínica. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura (RNL), de caráter descritivo e reflexivo, realizada por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), além de livros, manuais técnicos e legislações pertinentes às áreas da saúde mental, psiquiatria, direito, psicologia e prática da enfermagem. Evidenciou-se que o enfermeiro desempenha papel central na construção do vínculo terapêutico, na psicoeducação e no desenvolvimento de ações de prevenção primária e secundária, além de atuar como elo fundamental na articulação com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Observou-se a escassez de produções científicas nacionais e internacionais que

---

1 Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Professor do Curso de Enfermagem da Afya Centro Universitário Porto Velho – RO

2 Especialista em Metodologia do Ensino Superior pelo Centro Universitário São Lucas, Professora do Curso de Enfermagem da Afya Centro Universitário Porto Velho – RO

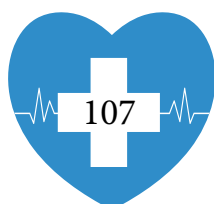
3 Graduanda em Enfermagem pela Afya Centro Universitário Porto Velho - RO



abordem especificamente a atuação do enfermeiro frente aos transtornos parafilicos, reforçando a necessidade de investimentos em pesquisa, formação continuada e educação permanente. Conclui-se que o cuidado de enfermagem em saúde mental, especialmente no contexto dos transtornos parafilicos, exige uma abordagem integral, humanizada e ética, fundamentada no processo de enfermagem, na singularidade do indivíduo e no respeito à sexualidade humana, consolidando o enfermeiro como agente estratégico na qualificação do cuidado e no enfrentamento do estigma relacionado à sexualidade e ao comportamento sexual.

**Palavras-chave:** Acolhimento; Sexualidade Humana; Prevenção de riscos.

**Abstract:** Mental health is characterized as a complex and dynamic field, permeated by clinical, ethical, cultural, and social dimensions, and often marked by stigma that hinders access to and quality of care. In this context, paraphilic disorders (PD) pose additional challenges to nursing practice, requiring qualified welcoming, active listening, and therapeutic interventions grounded in ethics and the promotion of rights. This study aims to reflect on nursing approaches and possibilities in addressing paraphilic disorders, considering their legal, ethical, and social implications in clinical practice. This is a descriptive and reflective narrative literature review conducted through the Virtual Health Library (VHL), in addition to books, technical manuals, and legislation relevant to the fields of mental health, psychiatry, law, psychology, and nursing practice. The findings indicate that nurses play a central role in building therapeutic bonds, providing psychoeducation, and developing primary and secondary prevention actions, as well as acting as a key link in articulating care within the Psychosocial Care Network. A scarcity of national and international scientific publications specifically addressing nursing practice related to paraphilic disorders was identified, reinforcing the need for investment in research, continuing education, and permanent professional training. It is concluded that mental health nursing care, particularly in the context of paraphilic disorders, requires an integral, humanized, and ethical approach, grounded in the nursing process, respect for individual singularities, and acknowledgment



of human sexuality, consolidating nurses as strategic agents in improving care quality and confronting stigma related to sexuality and sexual behavior.

**Keywords:** Welcoming; Human sexuality; Risk prevention.

## INTRODUÇÃO

A saúde mental constitui um campo complexo e dinâmico do cuidado em saúde, atravessado por dimensões clínicas, éticas, culturais e sociais que desafiam continuamente os modelos tradicionais de atenção, estando frequentemente permeado por estigmas que reduzem o acesso e a qualidade do cuidado ofertado nos serviços de saúde.

Nesse contexto, o estigma relacionado à saúde mental é caracterizado por estereótipos negativos, preconceito e discriminação, configura-se como um importante obstáculo ao cuidado psiquiátrico, interferindo no acesso oportuno aos serviços e na efetividade das intervenções (Ahad, Sanchez-Gonzalez, Junqueira, 2023).

A partir dessa compreensão, torna-se fundamental reconhecer que a sexualidade humana constitui uma dimensão central da experiência e do funcionamento do indivíduo, exercendo influência significativa na construção da identidade e nas relações sociais. As formas pelas quais a sexualidade é socialmente interpretada e valorada repercutem diretamente nas atitudes coletivas, de modo que concepções negativas ou moralizantes tendem a reforçar processos de estigmatização, dificultando que pessoas em sofrimento psíquico procurem apoio e assistência em saúde mental (Kalra, Ventriglio, Bhugra, 2015).

A sexualidade permanece como um tema permeado por tabus, ao mesmo tempo em que se observa escassez de profissionais qualificados para sua abordagem na pesquisa e na assistência em saúde mental. Soma-se a esse cenário o acesso cada vez mais amplo a conteúdos sexuais, especialmente entre jovens, muitas vezes sem mediação ética ou preparo crítico, o que intensifica os desafios para a



compreensão das vivências sexuais e dificulta a delimitação entre expressões consideradas normativas e aquelas classificadas como patológicas (Montejo, 2019).

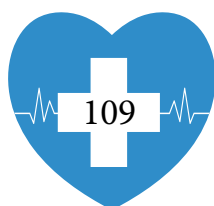
Nesse cenário marcado por tabus, estigmatização e dificuldades na delimitação entre o que é socialmente considerado normativo ou patológico no campo da sexualidade, inserem-se os transtornos parafilicos. Conforme a APA (2023), um transtorno parafilico é uma parafilia que atualmente está causando sofrimento ou comprometimento ao individuo ou uma parafilia cuja satisfação implicou dano pessoal, ou risco de dano, a outras pessoas.

Os transtornos parafilicos podem estar associados a intenso sofrimento psíquico, prejuízos nas relações interpessoais e dificuldades de inserção social, além de frequentemente serem atravessados por processos de estigmatização e criminalização. Tais aspectos contribuem para a invisibilidade dessas demandas nos serviços de saúde mental e para a hesitação dos próprios indivíduos em buscar cuidado especializado.

Partindo dessas reflexões, os profissionais de saúde, especialmente o enfermeiro em saúde mental, deparam-se com desafios éticos, técnicos e relacionais para a abordagem dessas condições, o que evidencia a necessidade de ampliar o debate científico e fortalecer práticas de cuidado fundamentadas na ética, na escuta qualificada e na promoção de direitos.

A atuação do enfermeiro em saúde mental envolve mais do que a administração de medicação ou acompanhamento clínico: inclui a compreensão e o manejo de dimensões subjetivas como a sexualidade, que é frequentemente negligenciada ou interpretada por meio de tabus e valores pessoais. Os profissionais de enfermagem muitas vezes percebem a sexualidade de pessoas com transtornos mentais a partir de estereótipos e preconceitos, o que se reflete no despreparo para abordar necessidades sexuais e afetivas nos serviços de saúde (Ziliotto, Marcolan, 2014).

Além disso Costa, Coelho (2013), apontam que a sexualidade atravessa o cuidado de forma transversal, desde o contato direto com o corpo até as dificuldades em lidar com expressões que não se ajustam às normas socialmente aceitas, ressaltando a importância de um cuidado sensível e não moralizante.



Apesar da relevância clínica e ética dos transtornos parafilicos, observa-se escassez de produções científicas que abordem essas condições sob a perspectiva do cuidado em enfermagem, especialmente no contexto da saúde mental. Tal lacuna contribui para o despreparo profissional e para a reprodução de práticas moralizantes, reforçando a importância de estudos que promovam reflexão crítica e fundamentem intervenções éticas e qualificadas.

Torna-se imprescindível ampliar a reflexão sobre os transtornos parafilicos no âmbito da saúde mental, considerando a necessidade de práticas de cuidado fundamentadas na ética, no respeito à singularidade e na promoção de direitos.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre os principais aspectos relacionados aos transtornos parafilicos e suas implicações para a prática da enfermagem em saúde mental.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura (RNL), de caráter descritivo e reflexivo, com o objetivo refletir sobre a abordagem e possibilidades da enfermagem frente aos transtornos parafilicos, considerando suas implicações legais, éticas e sociais na prática clínica.

A opção por esse tipo de revisão fundamenta-se na possibilidade de integrar diferentes produções científicas, permitindo uma análise ampla, crítica e contextualizada sobre conceitos, aspectos clínicos e estratégias de cuidado em saúde mental frente a essas condições (Ogassavara et al., 2023). Além disso, a RNL possibilita identificar lacunas no conhecimento científico, subsidiando a formulação de recomendações para a prática de enfermagem e orientando futuras pesquisas na área.

A busca dos artigos científicos foi realizada entre setembro e dezembro de 2025, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “transtornos parafilicos”, “parafilia”, “enfermagem psiquiátrica”, “saúde mental” e “cuidado de enfermagem”, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR, bem como a utilização de livros e



manuais técnicos de obras reconhecidas nas áreas de psiquiatria, psicologia e enfermagem em saúde mental.

Foram incluídas publicações diversas dos últimos anos, nos idiomas português e inglês, que abordassem ou tivessem relação com os transtornos parafílicos e pudessem ser subsídios teórico para o conhecimento e aplicação na enfermagem no contexto da saúde mental. Foram excluídos estudos duplicados, sem acesso ao texto completo ou sem relação direta com a temática.

A análise do material ocorreu de forma qualitativa e temática, resultando na organização do conteúdo em três categorias:

1. Dimensões e Fundamentos da Sexualidade e Comportamento Sexual;
2. Transtornos parafílicos: aspectos gerais, conceituais e clínicos;
3. Abordagem e Possibilidades da Enfermagem Frente aos Transtornos Parafílicos.

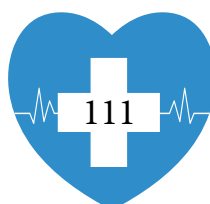
A sistematização dos resultados possibilitou a construção de uma análise reflexiva voltada à qualificação da prática de enfermagem em saúde mental, considerando os desafios e as possibilidades de cuidado frente aos transtornos parafílicos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Dimensões e Fundamentos da Sexualidade e Comportamento Sexual**

Falar sobre sexualidade envolve tabus estigmas e medo por parte da sociedade e também por parte dos profissionais da área da saúde, visto que muitos profissionais não estão capacitados e nem desenvolveram habilidades e competência para abordar e compreender essa dimensão da vida do indivíduo.

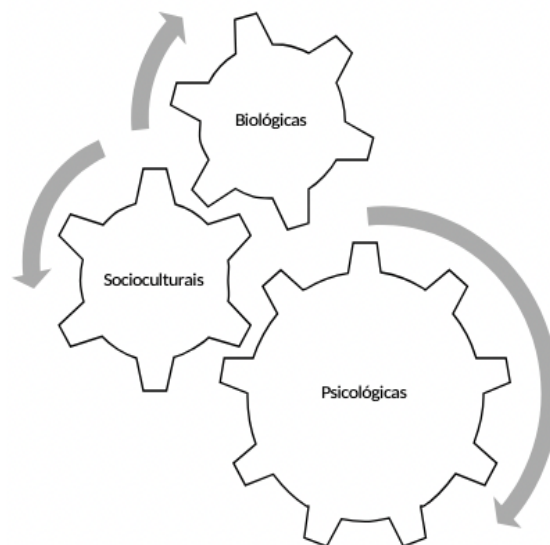
Sexualidade é o nome que damos para o aspecto da vida humana que inclui as sensações corpóreas, afetos e as emoções, esse aspecto está presente na vida do ser humano que vive e cresce desenvolvendo sua sexualidade a partir das mudanças ocorridas ao longo do desenvolvimento (França.



Lima, 2024).

A sexualidade refere-se à estrutura e à experiência de vida do indivíduo em relação à intimidade, ela reflete a totalidade da pessoa, não se limitando apenas aos órgãos sexuais ou aos comportamentos sexuais (Townsend, Morgan, 2021). Sendo importante considerar as dimensões básicas relacionadas a sexualidade conforme a imagem abaixo.

Imagem 1 – Dimensões Básicas da Sexualidade Humana



Fonte: Adaptado de Dalgarrondo (2019) apud Basson (2006).

A dimensão biológica envolve aspectos neurais, hormonais e anatômicos relacionados ao desejo e à formação das características sexuais do indivíduo. Já a dimensão psicológica abrange os aspectos particulares do desejo erótico, fantasias sexuais e a experiência de prazer. Enquanto a dimensão sociocultural contempla valores, normas, práticas e proibições estabelecidos por cada sociedade, influenciando a forma como a sexualidade é vivida e compreendida.

Essas dimensões interagem entre si, moldando a experiência sexual individual e fornecendo a base para a compreensão de manifestações mais complexas, incluindo parafilias e transtornos



parafilicos, no contexto clínico e de saúde mental.

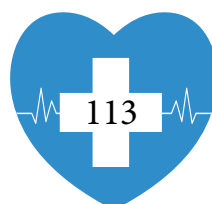
Além das dimensões é importante considerar as contribuições de diversos autores a respeito da sexualidade e dos termos construídos ao longo da história da humanidade. Embora o termo “perversões sexuais” tenha sido progressivamente abandonado, pois, na linguagem cotidiana, remete rapidamente a maldade, ruindade ou erro moral, associando imediatamente os transtornos parafilicos a uma condenação ética ou social (Dalgarrondo, 2019).

Comportamentos e fantasias sexuais podem se manifestar de maneiras diversas, algumas afastadas do padrão socialmente esperado, sem necessariamente indicar patologia, mas podendo influenciar o bem-estar e a saúde mental, o que torna fundamental compreender suas nuances antes de abordar manifestações mais específicas, como as perversões. Segundo Freud (1905/1996n), as perversões consistem em desvios do objeto e do alvo sexual “normal”, ou seja, da união genital no coito, conduzindo à descarga da tensão sexual.

Os estudos psicanalíticos aprofundam a compreensão das nuances da sexualidade humana, analisando a teoria freudiana das perversões, que distingue perversões negativas, associadas a sintomas neuróticos, de perversões positivas, realizadas sem sentimentos de pudor, asco ou vergonha, e ressaltam que a distinção entre normal e patológico depende do contexto histórico, social e cultural, servindo de base para teorias posteriores, como as de Lacan (Mendonça et al. 2021).

Dentre as perspectivas pós-freudianas, a tradição lacaniana define a perversão como uma estrutura específica, distinta da neurose e da psicose, particularmente em sua posição diante da castração, tomando o fetichismo como paradigma. Essa concepção, que considera a perversão uma estrutura clínica singular (Dor, 1991).

Para Neves, Almeida (2021), a sexualidade humana tem sido objeto de estudos há milhares de anos; entretanto, esses estudos ainda estão em construção e permanecerão dessa forma por muito tempo, considerando que a sexualidade se transforma conforme a sociedade se transforma, e novos modos de ver, pensar e sentir a sexualidade surgem constantemente. Um exemplo claro disso são as parafilias, sobre as quais ainda se sabe muito pouco a respeito de sua origem, curso, desenvolvimento



e consequências, já que existem diversos tipos e novos padrões podem emergir ao longo do tempo.

Compreender conceitos como sexo, sexualidade, desejo, fantasias e práticas sexuais envolve também noções de liberdade, direito, transgressão, normal e patológico, que muitas vezes confundem mais do que esclarecem (Barros, 2017). A definição desses conceitos é influenciada pela ciência, moral e costumes, refletindo padrões sociais de comportamento, e evidencia a complexidade característica da forma como os indivíduos pensam, sentem e vivem o desejo sexual.

Essas reflexões conceituais sobre a sexualidade humana e suas diversas manifestações estabelecem a base para abordar de forma mais específica os transtornos parafilicos que serão explorados a seguir.

### **Transtornos parafilicos: aspectos gerais, conceituais e clínicos**

Ao longo dos últimos 150 anos, os chamados “desvios” ou “perversões” sexuais foram investigados, definidos e categorizados, com um grande número de preferências, desejos e comportamentos ora considerados patológicos, ora não (Filho; Abdo, 2019). Essa evolução histórica evidencia como a compreensão das parafilias e transtornos parafilicos está diretamente relacionada aos contextos social, cultural e científico de cada época, reforçando a importância de abordagens atualizadas e baseadas em evidências na prática clínica.

Sob a perspectiva do contexto histórico, Abdo (2016) enfatiza que a compreensão das parafilias evoluiu com as revisões das classificações diagnósticas (DSM e CID), passando de um modelo de patologização de qualquer comportamento sexual não reprodutivo para um enfoque voltado ao bem-estar sexual e à responsabilidade dos envolvidos, patologizando principalmente a ausência de consentimento. Essa perspectiva evidencia que as normas diagnósticas são construções socioculturais que mudam com o tempo e os valores sociais.

As Parafilias são comportamentos sexuais atípicos, não necessariamente patológicos, que compõem o repertório sexual de um segmento da sociedade, enquanto o transtorno parafilico (TP)



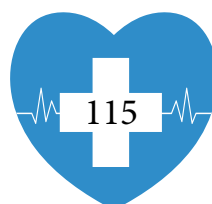
por sua vez, é uma parafilia que causa sofrimento ou prejuízo para o indivíduo, ou uma parafilia cuja satisfação implica dano ou risco de dano à parceria ou a terceiros (Nardi, Silva, Quevedo, 2021).

Esse critério de angústia ou sofrimento como condição para caracterizar uma parafilia como transtorno reflete mudanças na concepção de normalidade sexual e sua relação com o bem-estar (Abdo, 2016).

O comportamento sexual parafilico também pode ser analisado sob a perspectiva legal, considerando a presença ou ausência de consentimento e vítimas, especialmente em casos envolvendo crianças ou pré-púberes. A compreensão da interface entre psiquiatria, psicologia e justiça criminal é fundamental para o diagnóstico, avaliação e possíveis intervenções, permitindo tratamentos que visem modificar o processo de excitação sexual, ampliar o repertório do indivíduo e reduzir sofrimento (Silva, 2017). Além disso, não é raro um indivíduo manifestar duas ou mais parafilias, em alguns casos, os focos parafilicos têm relação próxima, e a conexão entre eles é intuitivamente compreensível (APA, 2023).

Existem relativamente poucos dados sobre a prevalência e a evolução dos transtornos parafilicos. A maior parte das informações internacionais disponíveis provém de estudos com agressores sexuais encarcerados e de serviços psiquiátricos ambulatoriais que atendem indivíduos com TP fora do sistema de justiça criminal, e esses dados indicam que, entre os pacientes que buscam tratamento ambulatorial, predominam o (45%) transtorno de pedofilia, seguido de (255) pelo transtorno de exibicionismo e (125) pelo transtorno de voyeurismo (Towsend, Morgan, 2021).

Em relação aos dados epidemiológicos no Brasil, um estudo realizado por Oliveira Júnior, Abdo (2010) com uma n de 5.335 participantes, 62,2% relataram três ou mais fantasias parafilicas, sendo as mais frequentes masoquismo (64,4%), fetichismo por partes do corpo (58%) e sadismo (49,2%). Fantasias sem consentimento incluíram pedofilia (3,7%), hebefilia (6,6%), frotteurismo (7,5%) e exibicionismo (6,8%). Quando critérios de transtorno foram aplicados (persistência  $\geq 6$  meses com sofrimento ou prejuízo), a prevalência de pedofilia e hebefilia foi de 1,87% e 2,46%, respectivamente, sendo mais comuns em homens cisgêneros, jovens (1824 anos), bissexuais, solteiros e profissionais da



saúde ou educação.

Mesmo que limitados, os dados epidemiológicos disponíveis fornecem importante perspectiva sobre a prevalência e diversidade dos interesses parafilicos na população, permitindo compreender padrões de comportamento, identificar possíveis riscos e orientar estratégias de atenção e prevenção.

Tais informações reforçam a necessidade de análises reflexivas que considerem aspectos sociais, culturais e individuais, sem reduzir o fenômeno apenas ao diagnóstico clínico.

No que se refere aos Transtornos Parafilicos (TA), atualmente existem alguns que são descritos e discutidos pela APA (2023) em virtude da sua prevalência na população em comparação aos outros tipos de TA.

Quadro 1 – Principais Tipos de Transtornos Parafilicos

Nº	Transtorno Parafilico	Característica Geral
1	Transtorno Voyeurista	Espirar outras pessoas em atividades privadas
2	Transtorno Exibicionista	Expor os genitais
3	Transtorno Frotteurista	Tocar ou esfregar-se em indivíduo que não consentiu
4	Transtorno do Masoquismo Sexual	Passar por humilhação, submissão ou sofrimento
5	Transtorno do Sadismo Sexual	Infligir humilhação, submissão ou sofrimento
6	Transtorno Pedofílico	Foco sexual em crianças
7	Transtorno Fetichista	Usar objetos inanimados ou ter um foco altamente específico em partes não genitais do corpo
8	Transtorno Transvêstico	Vestir roupas do gênero oposto visando à excitação sexual

Fonte: Adaptado APA (2023)

Essa classificação permite compreender diferenças entre interesses sexuais atípicos e transtornos parafilicos, destacando a importância de analisar cada caso à luz do contexto social, ético e psicológico, sem estigmatizar indivíduos com práticas consensuais ou não prejudiciais.

Segundo a APA (2023), a maioria das pessoas com interesses sexuais atípicos não apresenta transtorno mental. Para que seja realizado o diagnóstico de transtorno parafilico, o DSM5 estabelece que o indivíduo com interesses sexuais atípicos deve atender a critérios específicos:



- Sinta angústia pessoal sobre o seu interesse sexual, não apenas sofrimento resultante da desaprovação da sociedade, ou;
- Tenha desejo ou comportamento sexual que envolva o sofrimento psicológico, lesões ou morte de outra(s) pessoa(s), ou prática sexual que envolva pessoas que não querem ou que sejam incapazes de dar o seu consentimento legal.

Além disso, Penteado Filho (2012), determina que há três níveis ou graus de parafilia: leve, quando ocorre ocasionalmente; moderada, quando se manifesta de forma frequente; e severa, quando se expressa de maneira compulsiva.

Diante do exposto, a expressão da sexualidade varia com época e cultura, tornando as parafilias um desafio para conceituar transtorno mental, saúde e doença, enquanto a validade diagnóstica e a eficácia dos tratamentos permanecem pouco exploradas, evidenciando a necessidade de recomendações clínicas baseadas em evidências e reforçando o tema como fértil para investigação científica (Lucena, Abdoll, 2014).

Olhar para além dos TP é essencial, pois estamos falando de um indivíduo que tem sua história, personalidade, conceitos e comportamentos que foram construídos a partir das vivências e influência do âmbito familiar, cultural, social e religioso.

De modo geral, De acordo com Silva et al (2020), os transtornos parafilicos deveriam ser compreendidos pela sociedade de forma semelhante a outros transtornos neuropsíquicos, favorecendo maior apoio ao tratamento e à disseminação de informações sobre o tema. No entanto, aspectos morais e culturais historicamente construídos fazem com que esses transtornos sejam vistos como uma afronta aos padrões sociais, o que contribui para a manutenção do estigma e do preconceito em relação às pessoas que os vivenciam.

É fundamental promover uma compreensão mais ampla e humanizada dos transtornos parafilicos, considerando suas dimensões sociais, culturais e psicológicas. A superação do estigma passa pelo diálogo, pela educação e pela disseminação de informações baseadas em evidências,



favorecendo a reflexão crítica sobre normas e valores culturais.

### **Abordagem e Possibilidades da Enfermagem Frente aos Transtornos Parafilicos**

Os transtornos parafilicos representam um desafio na saúde mental, exigindo atenção à detecção precoce e à promoção de intervenções preventivas. Nesse contexto, a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) constitui uma estratégia fundamental para a organização do cuidado, possibilitando a elaboração de um plano de cuidados coerente com a realidade vivenciada pelo paciente e fortalecendo a participação do enfermeiro na constituição de projetos terapêuticos no âmbito da equipe multiprofissional (Tavares; Mesquita, 2019).

A partir dessa organização, o enfermeiro desempenha papel estratégico na coleta de informações sobre a história sexual do indivíduo e na identificação de comportamentos sexuais não convencionais que gerem sofrimento, angústia ou dependência, possibilitando orientações adequadas e encaminhamentos concisos para especialistas e para a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no Brasil, servindo de base para a organização de intervenções preventivas em diferentes níveis de atuação.

Além disso, é fundamental considerar os atravessamentos sociais, culturais, econômicos, legais e éticos que envolvem os transtornos parafilicos, reconhecendo que a expressão da sexualidade humana reflete seu tempo e sua cultura (Barros, 2017).

Nesse sentido, a atuação do enfermeiro no cuidado em saúde mental encontra respaldo legal na Resolução COFEN nº 678/2021, que aprova e normatiza a atuação da equipe de enfermagem em saúde mental e em enfermagem psiquiátrica, reconhecendo o papel do enfermeiro na promoção da saúde mental, no acolhimento, na escuta qualificada, na identificação do sofrimento psíquico e no desenvolvimento de ações educativas e de cuidado integral (COFEN, 2021).

O cuidado de enfermagem, por sua vez, está ancorado no Processo de Enfermagem, que deve ser realizado de forma deliberada e sistemática em todos os contextos em que ocorre o cuidado,



independentemente do cenário socioambiental. Sua execução deve estar fundamentada em suporte teórico, como teorias e modelos de cuidado, sistemas de linguagens padronizadas, instrumentos validados de avaliação de risco e protocolos baseados em evidências, além de outros conhecimentos que subsidiem a prática profissional (COFEN, 2024).

A coleta de dados deve ocorrer por meio de acolhimento humanizado, escuta ativa e abordagem ética, garantindo confidencialidade e ausência de julgamentos. A investigação da história sexual deve ser realizada de forma gradual, considerando fantasias, interesses ou comportamentos que gerem sofrimento psíquico, prejuízo funcional ou risco, além de aspectos psicossociais, culturais e legais, afim de identificar respostas humanas relacionadas ao sofrimento mental, ansiedade, estigma, dificuldades no controle de impulsos ou isolamento social, evitando a patologização de práticas consensuais e contextualizando o comportamento sexual no processo saúde–doença.

O planejamento do cuidado deve ser individualizado e centrado na singularidade do indivíduo, orientado pela promoção da saúde mental, prevenção de riscos e redução de danos. Enquanto a implementação ocorre por meio de acompanhamento contínuo, intervenções educativas e terapêuticas, atuação interdisciplinar e facilitação do acesso aos serviços especializados, respeitando a autonomia, os direitos humanos e os princípios éticos da enfermagem.

A avaliação é contínua e visa analisar a evolução do indivíduo, considerando a redução do sofrimento psíquico, a ampliação da compreensão sobre sua sexualidade, a adesão às orientações propostas e a diminuição de situações de risco. Essa etapa permite a reavaliação sistemática do plano de cuidados, possibilitando ajustes nas intervenções e fortalecendo a corresponsabilização do usuário no processo terapêutico.

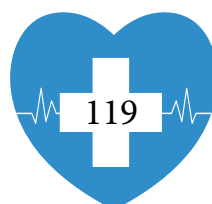
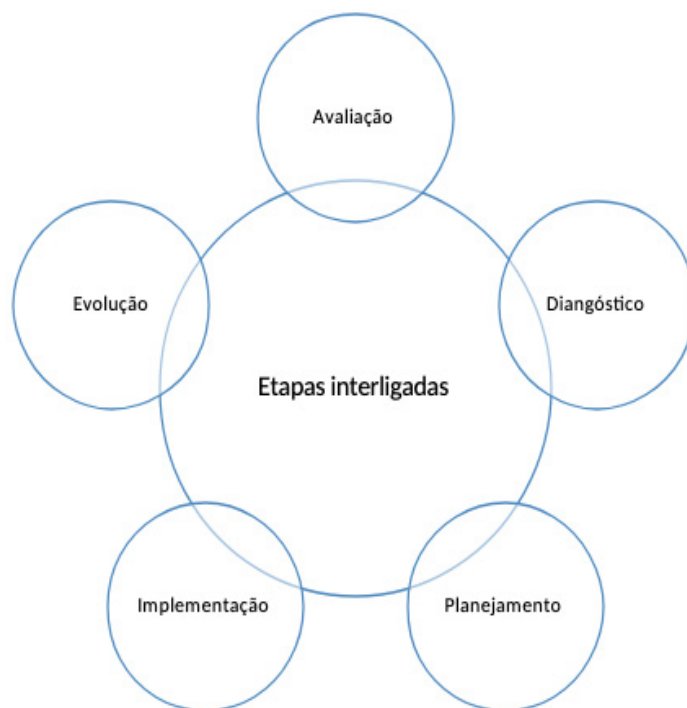


Imagem 2 – Etapas do Processo de Enfermagem (PE)



Fonte: COFEN, 2024.

Nesse contexto, o cuidado em saúde mental pressupõe acolhimento ético e qualificado, no qual a abordagem respeitosa da história sexual possibilita identificar situações de sofrimento psíquico ou risco. A integração de aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais orienta intervenções preventivas e terapêuticas no âmbito da enfermagem.

O acolhimento em saúde mental tem como característica abrigar, ou seja, não é um lugar e, sim uma postura ética que atua nas potencialidades dos sujeitos e da rede assistencial, com foco em saúde (Almeida, 2024).

A prevenção é uma abordagem essencial por parte do enfermeiro, embora reconhecida como uma ferramenta vital para melhorar a qualidade de vida e a longevidade, enfrenta uma série de barreiras que podem dificultar sua adoção, visto que em muitos lugares o foco ainda está em tratar doenças em vez de preveni-las, resultando em uma abordagem reativa em vez de proativa (Furtado



et al. 2023).

Imagem 3 - Prevenção em Transtornos Parafílicos



Fonte: adaptado de Townsend, Morgan (2021).

Na prevenção primária, os enfermeiros atuam para identificar situações de estresse psicossocial durante o desenvolvimento sexual infantil, visando prevenir problemas futuros, e desenvolvem habilidades para abordar pensamentos, interesses e comportamentos sexuais, promovendo o enfrentamento adaptativo do estresse e o desenvolvimento sexual saudável.

Na prevenção secundária, o foco é identificar e tratar precocemente transtornos parafílicos, minimizando suas consequências, e o enfermeiro desempenha papel importante ao coletar a história sexual do paciente e utilizar comunicação clara e imparcial para detectar desejos e comportamentos que gerem sofrimento.

Além disso, a ação psicoeducativa e propostas de tratamento eficaz podem auxiliar o desenvolvimento sexual do indivíduo e contribuir para a diminuição gradual da incidência de crimes sexuais associados à não contenção da excitação sexual parafílica no ato criminoso, sem criminalizar



comportamentos eróticos atípicos praticados por adultos com consentimento prévio (Silva, 2017).

Considerar os valores e normas do contexto social do indivíduo contribui para reduzir estigmas e preconceitos, permitindo intervenções humanizadas e inclusivas, além da formação continuada e a atualização constante em sexualidade, direitos humanos e saúde mental garantem que as práticas profissionais sejam fundamentadas em evidências, promovendo autonomia, proteção e bem-estar para os indivíduos assistidos. Diante disso, a intervenção terapêutica conduzida pelo enfermeiro deve abranger:

- O planejamento e a participação em programas psicoterapêuticos;
- Psicoeducação sexual, orientação sobre consentimento e limites legais;
- Condução de grupos de prevenção secundária.

A experiência em projetos comunitários e de extensão, como atividades de promoção da saúde mental e sexualidade, possibilita o desenvolvimento de estratégias educativas que reduzem estigmas e fortalecem o autocuidado. Ademais, o enfermeiro atua de forma interdisciplinar, articulando-se com psicologia, psiquiatria e serviços da RAPS, promovendo a detecção precoce, prevenção de riscos e o desenvolvimento de sexualidade saudável, sempre respeitando a singularidade, a ética e os direitos do indivíduo.

No que tange a atuação do enfermeiro, e essencial a comunicação, sendo uma ferramenta para compreender suas necessidades, para que isso aconteça é importante que o profissional saiba escolher o estilo de comunicação que melhor se adapte ao seu cliente (Tavares, Casaburi, Scher, 2019).

A comunicação terapêutica é um processo consciente e deliberado, usado para a identificação de crenças que podem influenciar negativamente na saúde do cliente assistido, para a avaliação da percepção que o assistido tem sobre seu problema e no reconhecimento das necessidades dele

Entretanto estabelecer e construir a comunicação terapêutica, seja ela verbal ou não, exige do enfermeiro uma aproximação de maneira genuína, empática, e sem julgamentos diante dos



comportamentos sexuais ou TP, afim de firmar um vínculo terapêutico com o indivíduo que busca o atendimento de enfermagem.

Quadro 2 – Objetivos da Comunicação Terapêutica

Nº	Objetivos
1	Avaliação da percepção que o cliente tem sobre seu problema
2	reconhecer necessidades do cliente assistido
3	Estabelecer junto ao paciente planos para aquisição de mudanças em benefício de sua saúde
4	Orientar o cliente sobre as modificações específicas em seu padrão comportamental e de comunicação que subsidiem melhora em seu padrão atual de saúde.

Fonte: Rosenberg, 2015.

Os enfermeiros são alertados a não julgar suas atitudes em relação àqueles cujo comportamento é drasticamente diferente do seu, e isso também se aplica a clientes diagnosticados com transtornos parafilicos (OPENSTAX, 2024).

Vale ainda ressaltar que a atuação do enfermeiro se encontra respaldo na Lei nº 7.498/1986, que regulamenta o exercício profissional da enfermagem, bem como em seu decreto regulamentador, assegurando ao enfermeiro competências relacionadas ao cuidado integral, à educação em saúde, à prevenção de agravos e ao acompanhamento de indivíduos, famílias e comunidades (COFEN, 1986).

Essa perspectiva reforça o papel do enfermeiro na atenção primária e nos serviços especializados de saúde mental, orientando intervenções que considerem prevenção, promoção da saúde sexual, detecção precoce de sofrimento e encaminhamentos adequados, sempre respeitando a singularidade do indivíduo e os limites éticos e legais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do enfermeiro frente aos transtornos parafilicos requer a organização do cuidado por meio da Sistematização da Assistência de Enfermagem, viabilizando a aplicação do Processo de



Enfermagem como método científico. Suas etapas permitem desenvolver acolhimento humanizado, escuta qualificada e comunicação terapêutica, integrando aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais da sexualidade humana.

O Processo de Enfermagem favorece a identificação precoce de comportamentos que gerem sofrimento, vulnerabilidade ou risco, subsidiando intervenções preventivas, orientações quanto aos limites éticos e legais e encaminhamentos adequados à Rede de Atenção Psicossocial, contribuindo para a promoção da saúde mental e sexual do indivíduo.

Evidencia-se uma lacuna na produção científica sobre a prática de enfermagem nos transtornos parafilicos, com predominância de abordagens legais ou psiquiátricas e menor ênfase em estratégias preventivas e educativas, sendo necessário reforçar a importância de ampliar essa temática na formação e na atuação do enfermeiro.

## REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita Helena Najjar. A Evolução do Conceito de Parafilias. Rev debates em psiquiatria - Jul/Ago 2016.

AHAD, Ahmed A; SANCHEZ-GONZALEZ, Marcos; JUNQUEIRA, Patrícia. Entendendo e Enfrentando o Estigma da Saúde Mental em Diversas Culturas para Melhorar o Cuidado Psiquiátrico: Uma Revisão Narrativa. Cureu. 26 de maio de 2023; 15(5):e39549.

ALMEIDA, Amanda Schwarz. Acolhimento em Saúde Mental: Relato de Experiência. Rev Unissalle, Canoas, v.12, n.1, 2024.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5-TR. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BARROS, Cristiane do Amaral de. Parafilias, Pedofilia e Intervenções em Terapia Cognitivo-Comportamental. Rev Psique, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 78-94, jan./jun. 2017.

BASSON, Rosemary. Sexual Desire and Arousal Disorders in Women The New Engl Journal of



Medicine, vol.354, p.1497-1506, 2006.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução Nº 736 de 17 de janeiro de 2024 - Dispõe sobre a implementação do Processo de Enfermagem em todo contexto socioambiental onde ocorre o cuidado de enfermagem. Brasília (DF): COFEN, 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução nº 678/2021 - Aprova a atuação da Equipe de Enfermagem em Saúde Mental e em Enfermagem Psiquiátrica. Brasília (DF): COFEN, 2021.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Lei n. 7.498/86, de 25 de junho de 1986 - Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Brasília (DF): COFEN, 1986.

COSTA, Lucia Helena Rodrigues; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso. Sexualidade e a interseção com o cuidado na prática profissional de enfermeiras. Rev Bras Enferm, Brasília 2013 jul-ago; 66(4): 493-500.

DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DOR, Joel. Estruturas e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Taurus Timbre, 1991.

FILHO, Arnaldo Barbieri Filho. ABDO, Carmita Helena Najjar. Transtornos parafílicos: comorbidades e abordagem ética. Diagn Tratamento. 2019;24(3):106-10.

FURTADO, Roberta Evelyn; COSTA, Pedro Henrique; GOMES, Laila Luisa Silva; VIEIRA, Milena Rodriguez Vallejos; SILVA, Ana Luísa Lopes. A importância da prevenção a saúde. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.6, n.5, p.24431-24438, sep./oct, 2023.

FRANÇA, Dalila Xavier de; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira (Coordenação). Identidade de Gênero e Sexualidade. São Cristóvão (SE): Ed. Dos autores – OPPEs, 2024.

FREUD, Sigmund. (1996n). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Strachey, Trad., Vol. 7, pp. 117-231).



Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

KALRA, Gurvinder; VENTRIGLIO, Antonio; BHUGRA, Dinesh. Sexualidade e saúde mental: Questões e o que vem a seguir?. *Psiquiatria Int.* 2015; 27(5):463-9.

LUCENA, Bárbara Braga de; ABDOLL, Carmita Helena Najjar. Transtorno parafilico: o que mudou com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5a edição (DSM-5). *Diagn Tratamento.* 2014;19(2):94-6.

MENDONÇA, Roberto Lopes; SILVA, Mardem Leandro; COUTO, Daniela Paula do; RODRIGUES, Carlos Eduardo; CAETANO, Aline Aparecida; TEODORO, Elizabeth Fátima. A Neurose como Negativo da Perversão: Um Estudo das Perversões em Freud. *Psicologia: Ciência e Profissão* 2021 v. 41, e218321, 1-16.

MONTEJO, Angel L. Sexuality and Mental Health: The Need for Mutual Development and Research. *J. Clin. Med.* 2019, 8, 1794.

NARDI, Antonio E.; SILVA, Antônio G.; QUEVEDO, João. Tratado de psiquiatria da associação brasileira de psiquiatria. Porto Alegre: Artmed, 2021.

NEVES, Leonardo de Moraes; ALMEIDA, Silene Cristina Bompani de. Revisão do filme a Pequena Morte: Um estudo sobre os Transtornos Parafilicos. *Rev Saúde em Foco – Edição nº 14 – Ano: 2022.*

OGASSAVARA, Dante; SILVA-FERREIRA, Thais da; FERREIRA-COSTA, Jeniffer; BARTHOLOMEU, Daniel; TERTULIANO, Ivan Wallan; MONTIEL, José Maria. Concepções e interlocuções das revisões de literatura narrativa: contribuições e aplicabilidade. *Ensino & Pesquisa, Recife*, v. 21, n. 3, p. 8-21, 2023.

OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar Mendes de; ABDO, Carmita Helena Najjar. Unconventional sexual behaviors and their associations with physical, mental and sexual health parameters: a study in 18 large Brazilian cities. *Braz. J. Psychiatry* 32 (3), Sept 2010.

OPENSTAX. *PsychiatricMental Health Nursing.* [S.l.]: OpenStax, 2024.

PENTEADO FILHO, Nestor Sampaio. Manual Esquemático de Criminologia. São Paulo: Editora



Saraiva, 2012.

ROSENBERG, M. C. Editorial: communication style makes a difference. *Journal of Nursing & Care*, v. 4, n. 125, 2015.

SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virginia A.; RUIZ, Pedro. *Compêndio de psiquiatria*. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

SILVA, Bianca Lima; SOUZA, Leticia do Carmo; SANTOS, Vanessa Érica da Silva; PEREIRA, Gilcivan dos Santos; TARGINO, Giliard Cruz Targino. Parafilias, Transtornos Parafílicos e Aspectos na Contemporaneidade. *Rev Bras de Direito e Gestão Pública (Pombal, PB)*,8(02), 308-318, abr./jun.2020.

SILVA, Fernanda Robert de Carvalho Santos. Considerações sobre o transtorno parafílico: a interface entre a psiquiatria, a psicologia e a justiça criminal. *Diagn Tratamento*. 2017;22(3):127-33.

TAVARES, Marcus L O.; CASABURI, Luiza E.; SCHER, Cristiane R. *Saúde mental e cuidado de enfermagem em psiquiatria*. Porto Alegre: SAGAH, 2019.

TAVARES, Cláudia Mara; MESQUITA, Lucas Marvilla. Sistematização da Assistência de Enfermagem e Clínica Ampliada: Desafios para o Ensino de Saúde Mental. *Enferm. Foco* 2019: 121-126.

TOWSEND, Mary C; MORGAN, Karyn I. *Enfermagem psiquiátrica: conceitos de cuidados na prática baseada em evidências*. 9. ed. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021.

ZILIOOTTO, Gisela Cardoso; MARCOLAN, João Fernando et al. Representações sociais da enfermagem: a sexualidade de portadores de transtornos mentais. *REME-Revista Mineira de Enfermagem*, [S. l.], v. 18, n. 4, 2014.

